



A IDEOLOGIA NAS REPRESENTAÇÕES DISCURSIVAS DE
IDENTIDADES SOCIAIS DE MULHERES
SEM-TERRA EM NOTÍCIAS E REPORTAGENS DO
JORNAL DIÁRIO DO PARÁ/BRASIL

THE IDEOLOGY IN THE DISCURSIVE
REPRESENTATIONS OF SOCIAL IDENTITIES OF
LANDLESS WOMEN IN NEWS AND REPORTS OF
THE DAILY JOURNAL OF PARÁ/BRAZIL

Valéria Crístian Soares Ramos da Silva*

* Professora Assistente da Universidade do Estado do Pará (UEPA). Doutora em Ciências da Linguagem/Linguística pela Universidade do Porto/Portugal. E-mail: caeteh@gmail.com



RESUMO

Este artigo consiste na análise das representações discursivas de identidades sociais de mulheres sem-terra no jornal *Diário do Pará*, e destaca como os gêneros notícia e reportagem transportam ideologias, no que podem contribuir para a construção dessas identidades. O referencial teórico é composto por Thompson e diferentes autores da Análise do Discurso, a exemplo de Maingueneau, Charaudeau de autores dos Estudos Sociais e Culturais. A metodologia consistiu em uma pesquisa qualitativa e documental. Analisamos como as representações discursivas nos gêneros notícia e reportagem podem reproduzir e disseminar ideologias por meio do discurso da mídia, ainda, a par de outros fatores, evocar estereótipos ou desconstruir conceitos acerca das mulheres sem-terra, de modo que, podem proporcionar transformações identitárias desses atores sociais no decorrer do tempo.

PALAVRAS-CHAVE

Identidade. Discurso. Mídia. Ideologia.

ABSTRACT

This article consists of an analysis on the discursive representations of social identities of landless women on *Jornal Diário do Pará*, and highlights how the news and report genres transport ideologies, in what they can contribute on the construction of these identities. The theoretic reference is composed by Thompson (2011), by different authors of the Discourse Analysis, as examples Maingueneau (2008, 2016), Charaudeau (2013), and



by authors of Social and Cultural Studies. The methodology consisted of a qualitative and documented research. We analyzed how the discursive representations on the news and report genres can produce and disseminate ideologies through the media discourse, and yet, alongside other factors, evoke stereotypes or deconstruct concepts about the landless women, in a way that, they may allow identitary transformations of these social actors throughout the time.

KEYWORDS


Identity. Discourse. Media. Ideology.

INTRODUÇÃO

Este trabalho consiste na análise das representações discursivas de identidades sociais de mulheres sem-terra em textos da mídia, especificamente, em notícias e reportagens do jornal *Diário do Pará*, esclarecendo como esses gêneros podem reproduzir e disseminar ideologias por meio do discurso midiático.

Os discursos analisados fazem parte de notícias e reportagens referentes às mulheres sem-terra veiculadas no jornal *Diário do Pará* entre os anos de 1996 a 2013. No entanto, apenas a questão da ideologia nesses gêneros foi posta em discussão neste artigo, o qual constitui um recorte de uma pesquisa mais ampla sobre Discurso, Mídia e Identidade que leva em consideração diferentes fatores sociopolíticos, econômicos, ideológicos e linguísticos para a construção de identidades sociais.

¹ A sigla utilizada no texto para referir-se ao jornal *Diário do Pará* será DP.



O “conceito” de identidade foi discutido à luz de diferentes concepções de teóricos dos Estudos Culturais e Sociais, com destaque para a “ideia de identidade” em Zygmunt Bauman (2005); e de como o impacto da globalização e a “crise de identidade” afetaram profundamente as pessoas (HALL, 2014).

Por conseguinte, a análise dos gêneros notícia e reportagem numa perspectiva discursiva, a qual leva em consideração a ideologia que esses gêneros transportam, manifesta sua dimensão fundamentalmente social. Assim, o debate embasado em John Thompson (2011) para a análise ideológica dos gêneros foi de grande valia.

No que se refere aos textos da mídia, destacamos a construção de sentido nos seus discursos, nos quais questionamos a transparência destes. Discorremos, ainda, sobre os efeitos de verdade do discurso da mídia, as representações discursivas e a construção de identidades sociais das mulheres sem-terra nesses textos/discursos, a partir dos pressupostos da Semiologia, dos Estudos Culturais e da Teoria Social Crítica, de onde Thompson oferece um referencial teórico para refletir acerca das formas simbólicas e da influência da mídia e da ideologia na modernidade.

Assim, optamos por trabalhar a Análise do Discurso em uma relação interdisciplinar, a fim de possibilitar uma análise mais plural diante de um objeto tão complexo.

O artigo divide-se em cinco tópicos: o primeiro tópico apresenta algumas problematizações sobre identidade(s). O segundo reflete sobre como as identidades podem ser construídas no/pelo discurso da mídia. A seguir, temos um tópico sobre a metodologia utilizada na pesquisa. Nos tópicos seguintes destacamos a análise dos dados e os resultados.



IDENTIDADE (S)


A questão da identidade, segundo o sociólogo Zygmunt Bauman, faz parte do leque de dilemas inquietantes da nossa existência e das nossas escolhas e carrega graves preocupações e agitadas controvérsias (BAUMAN, 2005). Os dilemas da “perda” da identidade nacional é um dos temas destacados pelo autor e nos remete a um fenômeno que ocorre em um nível mais próximo, de comunidades, por exemplo.

No nosso trabalho, aquando da verificação dos sujeitos de nosso *corpus*, percebemos que a sua identidade é fragmentada e que a identificação como *sem-terra* se dá a partir do momento em que passaram a pertencer a essa comunidade em virtude da exclusão de outra, ou seja, perderam a identidade referente à sua “comunidade de vida”. Esses *sem-terra* são, na maioria, originários de outras cidades do Brasil que, “fugindo” das péssimas condições de vida que tinham, procuravam em “outras terras” um sonho de um lugar melhor para viver e de terra para plantar. Bauman (2005) convoca os conceitos de *comunidade de vida* e de *destino* para dar conta dessa identidade fragmentada e do processo dinâmico no qual as identidades são construídas.

Para Bauman, essa negociação de quem somos e de quem queremos ser está sempre pendente:

As “identidades” flutuam no ar, algumas de nossa própria escolha, mas outras infladas e lançadas pelas pessoas em nossa volta, e é preciso estar em alerta constante para defender as primeiras em relação às últimas. Há uma ampla probabilidade de desentendimento, e o resultado da negociação permanece eternamente pendente [...] (BAUMAN, 2005, p.19).





Nesse sentido, são dois os polos comentados pelo sociólogo: existem aqueles que podem constituir, articular e desarticular as suas identidades conforme suas próprias vontades, e aqueles que simplesmente não tiveram essa escolha. Estes últimos não têm direito de manifestar as suas preferências; as suas identidades foram impostas por outros, são identidades as quais não escolheram, mas das quais não conseguem livrar-se, são identidades “que estereotipam, humilham, desumanizam, estigmatizam...” (BAUMAN, 2005, p.44).

Podemos citar, como exemplo, os sujeitos de nossa pesquisa, os *sem-terra*, cuja identidade lhes foi imposta, devido à situação social da qual faziam parte; não se escolhe ser “sem-terra” por vontade própria, quando diante de outras oportunidades. É a falta de opções, de oportunidades de educação, de saúde e, principalmente, de moradia que os empurra para esse grupo. É o que Bauman chama de subclasse. “O significado da “identidade da subclasse” é a ausência de identidade, a abolição ou negação da individualidade, do “rosto” (BAUMAN, 2005, p. 45)”.

Por outro lado, Bauman (2005) explica que no mundo líquido moderno², a ausência de estabilidade, de relacionamentos duradouros, de algo sólido, empurra os indivíduos a identificarem-se com determinados grupos, que podem funcionar como um “grito de guerra”.

De fato, o Movimento dos Sem-terra (MST) funciona também como um grito de guerra. É um grupo que luta constantemente contra grupos maiores, mas que se mantém, nessa luta tentando sobreviver. E nesse movimento constante essas identidades foram sendo construídas no

² Expressão usada por Bauman para definir o momento da história em que vivemos, onde tudo é tão rápido que se torna líquido.




decorrer do tempo, sofreram o impacto da globalização e as mudanças do mundo pós-moderno. Assim, “as velhas identidades, que por tanto tempo estabilizaram o mundo social, estão em declínio, fazendo surgir novas identidades e fragmentando o indivíduo moderno, até aqui visto como um sujeito unificado” (HALL, 2014, p.09).

Stuart Hall faz a distinção de identidade a partir da trajetória do sujeito em diferentes períodos históricos. No Iluminismo, por exemplo, o sujeito tinha uma identidade fixa. Com o avançar dos tempos, o sujeito sociológico passou a ter uma identidade formada na interação entre o eu e a sociedade. No que se refere ao sujeito pós-moderno, este é mais livre e possui mais possibilidades de escolha. Para Hall, a identidade desse sujeito é definida historicamente, e não biologicamente. Assim, o sujeito assume identidades diferentes em diferentes momentos (HALL, 2014).

Parece-nos, então, que os movimentos sociais, as representações discursivas e simbólicas desses movimentos pela mídia constituem um importante mecanismo de construção identitária. Dessa forma, podemos dizer que a identidade é construída historicamente com todos os elementos que a história pode oferecer. Nessa perspectiva, Castells (1999) destaca que a construção de identidades perpassa pelas questões históricas, culturais, ideológicas e sociais, presentes no decorrer da vida de um sujeito:

[...] A construção de identidades vale-se da matéria prima fornecida pela história, geografia, biologia, instituições produtivas e reprodutivas, pela memória coletiva e por fantasias pessoais, pelos aparatos de poder e revelações de cunho religioso. Porém, todos esses materiais são processados pelos indivíduos, grupos sociais e sociedade, que reorganizam seu significado em função de tendências sociais e projetos culturais enraizados em sua estrutura social, bem como em sua visão de tempo/espço [...] (CASTELLS, 1999, p. 23).





Em linhas gerais, Castells (1999) destaca a constituição simbólica na construção da identidade coletiva, ou seja, cada conteúdo tem um significado diferente para cada indivíduo, em que uns irão se identificar, outros não. É esse determinante do conteúdo simbólico que será decisivo para a construção da identidade coletiva, e essa construção será sempre marcada por relações de poder.

Nesse sentido, Castells (1999, p.24) propõe uma distinção entre três formas e origens de construção de identidade: *identidade legitimadora*, *identidade de resistência* e *identidade de projeto*. Todas essas formas propostas por Castells são observadas em nosso *corpus*.

A *identidade legitimadora* introduzida pela instituição jornal, no caso do nosso trabalho, é a mostrada pela mídia, mas também observamos uma *identidade de resistência*, na qual os sem-terra resistem às adversidades e ameaças que lhes são impostas e propõem em suas comunidades novas formas de sobrevivência que, na maioria das vezes, desagradam aos poderosos como, por exemplo, a prática de desenvolvimento sustentável em assentamentos. Para Castells, “é provável que seja esse o tipo mais importante de construção de identidade em nossa sociedade. Ela dá origem a formas de resistência coletiva diante de uma opressão que, do contrário, não seria suportável [...]” (CASTELLS, 1999, p. 25).

Na configuração geral do trabalho, no nosso *corpus*, observamos uma *identidade de projeto*, em que as reportagens, por exemplo, mostraram essa redefinição de papéis. As mulheres sem-terra, ao se destacarem como lideranças dentro do movimento (MST), desencadearam uma redefinição de seus papéis naquele contexto social. Provocaram, também, enquanto movimento, uma transformação da estrutura social, no que se refere à divisão de terras e à reforma agrária.



AS IDENTIDADES CONSTRUÍDAS NO/PELO DISCURSO DA MÍDIA

Para analisarmos o discurso da mídia neste artigo, selecionamos algumas notícias, pois entendemos, baseados em Fairclough, que a notícia não é um mero relato de fatos, mas um texto que carece de interpretação, que tem intenções várias, que focaliza vários pontos de vista e, inclusive, pode ser apropriado como um aparato de controle (FAIRCLOUGH, 2003).


De fato, as notícias de nosso *corpus* apresentam uma intenção de transformar os sem-terra em diferentes atores sociais, conforme o contexto sociopolítico e ideológico, o que evidencia que a notícia não é um mero relato de fatos. Nas reportagens percebemos uma redefinição de papéis das mulheres que lutam pela terra, essas são representadas como lideranças, foram “autorizadas” a falar e expõem o seu ponto de vista e sua forma de luta:

Ex. 01– “No início eram 36 famílias, mas **eu defini que tem de ter disciplina, tem de querer preservar, tem de buscar se organizar. Restaram, por enquanto, 20 famílias, mas se não tiver o espírito de preservar não pode ficar**”, diz. (Maria do Carmo).³

Ex. 02– “Fui nascida e criada na roça”, conta. “Casei com 18 anos e trabalhei uns dez anos como vaqueira em muitas fazendas, de carteira assinada e tudo. Sei montar, sei vacinar boi, sou apaixonada por terra”, diz ela. (Késia).⁴

³ Fragmento retirado da reportagem: “Ameaças ao sonho de sustentabilidade”, publicada no jornal *Diário do Pará*, em 14/07/2013. Esta reportagem também foi publicada pela Agência de Jornalismo investigativo *Pública* no site <https://apublica.org/2013/07/maria-carmo-luta-pela-sua-comunidade-pela-floresta/> e em diversos blogs e sites ligados a temas relacionados a disputas de terra.

⁴ Fragmento retirado da reportagem intitulada: “Por um lote, travessia do sonho ao inferno”, publicada no jornal *Diário do Pará*, em 28/07/2013, Caderno A13 PARÁ e em diversos blogs e sites ligados a temas relacionados a disputas de terra.



Dessa forma, observamos que os processos que constituem a construção identitária são vários, e a mídia tem um papel de grande importância, quando escolhe como representar os atores sociais, quando decide incluir alguns acontecimentos e desprezar outros etc. Essas predileções funcionam como mecanismos importantes nessa construção.

Para Gregolin, a mídia funciona como o principal dispositivo discursivo na atualidade. A autora destaca que é a mídia, “em grande medida, que formata a historicidade que nos atravessa e nos constitui, modelando a identidade histórica que nos liga ao passado e ao presente” (GREGOLIN, 2007, p.16).

Assim, ao “modelar” as identidades, a mídia auxilia em sua construção, enquanto os contextos histórico e ideológico transportados para as representações dessas identidades as definem. Dentro dessa perspectiva, ao analisar como as identidades são construídas, Woodward sugeriu “que elas são formadas relativamente a outras identidades, relativamente ao “forasteiro” ou “ao outro”, ou seja, ao que não é”(Woodward, 2014, p. 50). Dessa forma, destacamos a identidade do sem-terra para o DP em oposição aos que têm terra, a qual, historicamente, foi construída de forma negativa, definida como “outros” ou “forasteiros”. É comum ouvirmos enunciados como: “eles não são daqui, ele vêm de outras cidades para tomar nossas terras.”

A nomeação de um sujeito como “sem-terra”, nas notícias, o marca, o estigmatiza, o define. Nesse sentido, entendemos a identidade inserida num sistema de significação, no qual as questões sociais, históricas e culturais discutidas acima também estão presentes. Há, entretanto, outros processos em evidência nos textos da mídia que favorecem a construção identitária, a diferenciação é um deles. Silva destaca alguns desses processos que traduzem a diferenciação, ou que com ela se relacionam, são eles: “incluir/excluir (“estes pertencem,



aqueles não”); demarcar fronteiras (“nós” e “eles”); classificar (“bons e maus”; “puros e impuros”; “desenvolvidos e primitivos”; “racionais e irracionais”); e normalizar (“nós somos normais; eles são anormais”)” (SILVA, 2014, p.81-82).


Para Silva, a inclusão e a exclusão estão sempre presentes quando há afirmação da identidade e marcação da diferença, e nesse cenário “os pronomes “nós” e “eles” não são simples categorias gramaticais, mas evidentes indicadores de posições-de-sujeito fortemente marcados por relações de poder” (SILVA, 2014, p. 82). Para o autor, o “nós” e “eles” significa classificar, e nessa classificação há também a hierarquização, como nos mostra o exemplo abaixo:

*Ex. 03– Inconformados com o resultado da reunião, os sem-terra tentaram invadir o prédio da Prefeitura, mas foram contidos pela Polícia Militar. Em seguida, foram para o município de Curionópolis, interditando a PA-275. Alguns **deles** estavam armados. Próximo a Curionópolis **eles** saquearam um caminhão que transportava alimentos.⁵*

Assim, o discurso midiático, ao repetir incessantemente essas classificações, produz, de forma eficiente, representações de uma identidade deformada, estereotipada, no contexto em que um ato linguístico é produzido (SILVA, 2014).

Não só o NÓS e o ELES são notadamente importantes para a construção de identidades nesses textos/discursos, como destacamos acima, mas o EU e o TU também são de grande importância nesse processo. O trabalho de Pinto (2016) sobre o uso dos dêiticos enquanto índices retóricos de construção das identidades evidenciam que eles transportam ideologias que ajudam nessa

⁵ Excerto de notícia intitulada – “Prefeito de Parauapebas reúne com os sem-terra”, publicada no DP, em 14/04/1996.



construção. Pinto destaca, ainda, a perspectivação da dêixis enquanto veículo de ideologia, especificamente “a deixis interpessoal, com índices como o EU; O TU; O NÓS como elementos organizadores de um espaço em torno de um centro deítico– o EU” (PINTO, 2016, p. 25). Este espaço, segundo Pinto, é caracterizado não somente como físico, mas também, como espaço nocional, ligado a valores axiológicos do Bom, do Mau, além das noções de Inclusão e de Exclusão.

Assim, quando observamos a forma como são usados esses pronomes nas notícias em questão, podemos perceber que há ideologias transportadas nesses elementos linguísticos por meio da mídia, o que nos leva a concordar com Maingueneau, quando nos diz que: “o mídiunão é um simples ‘meio’ de transmissão do discurso, mas que ele impõe coerções sobre seus conteúdos e comanda os usos que dele podemos fazer” (MAINGUENEAU, 2013, p. 81).

Na perspectiva de Maingueneau (2013), de fato, não podemos deixar de considerar a manipulação na esfera midiática, além das relações de poder que condicionam esta esfera e que se manifestam, segundo o autor, não só no acesso diferente para aqueles que detêm o poder econômico, social etc. ante aqueles que sofrem pela falta de condições básicas de subsistência, como na própria estrutura das notícias e reportagens, escolhas de sujeitos, lugares e temas.

Também não podemos esquecer a lógica comercial da mídia. Como destaca Charaudeau, a mídia não tem o objetivo somente da informação, mas imprime uma lógica comercial que está sempre atenta às intenções do público, para, assim, criar mecanismos de captação do maior número possível de leitores. A lógica comercial e a lógica simbólica são as duas lógicas que fazem funcionar a mídia de informação. Para esse autor, também não se pode descartar a influência da lógica econômica sobre a lógica simbólica (CHARAUDEAU, 2013).



Esta está atrelada ao poder simbólico, que foi classificado por Thompson como o quarto tipo de poder, “que nasce na atividade de produção, transmissão e recepção do significado das formas simbólicas” (THOMPSON, 2014, p. 42).

Todavia, como acontece com todas as formas simbólicas, o “significado” dos discursos transmitidos pela mídia não é fixo nem transparente, ele varia de um indivíduo para outro, fazendo com que seja entendido de diferentes formas por diferentes pessoas.


Portanto, segundo Thompson, o discurso da mídia desenvolve um papel de grande importância na construção, reprodução e legitimação dos significados das formas simbólicas. Este papel era desenvolvido por instituições como a Igreja Católica Romana e foi ameaçado, principalmente, pelo desenvolvimento das indústrias dos *media* com o surgimento do comércio de notícias, fato este que criou novas redes de poder simbólico que evoluíram e influenciaram na criação de nossa identidade nacional, na difusão da língua oficial, dentre outras questões de extrema importância para a sociedade moderna (THOMPSON, 2014).

Thompson (2014) destaca que, a partir do comércio de notícias, a lógica comercial sobrepôs-se à lógica simbólica, com grande influência em toda a máquina midiática, a qual, acima de tudo, precisa ter lucros e, conseqüentemente, representatividade na sociedade.

Nesse sentido, ao questionarmos sobre a transparência do discurso da mídia concordamos com Charaudeau, quando nos diz que:

Comunicar, informar, tudo é escolha. Não somente escolha de conteúdos a transmitir, não somente escolha das formas adequadas para estar de acordo com as normas do bem falar e ter clareza, mas escolhas de efeitos de sentido para influenciar o outro, isto é, no fim das contas, escolha de estratégias discursivas (CHARAUDEAU, 2013, p. 39).





Ao destacarmos esta lógica simbólica, inevitavelmente inserimos a questão da construção de sentido pelo discurso da mídia no centro da nossa reflexão. Para Charaudeau, (2013), a máquina midiática comporta três lugares de construção do sentido: o produtor, o produto e a recepção. Todos serão importantes para que as informações “do real” sejam compreendidas. Se um dos três lugares sofrer com deturpações das representações do real transpostas em discursos, haverá uma grande contribuição para que identidades estereotipadas e deformadas sejam produzidas.

Sendo assim, ao analisarmos o discurso da mídia, é de fundamental importância levar em consideração esses três lugares e “descobrir o não dito, o oculto, as significações possíveis que se encontram por trás do jogo de aparências” (Charaudeau, 2003, p. 29). Em suma, é fundamental descobrir o que se esconde atrás das representações do real, que são aparentemente neutras.

Na concepção de Charaudeau (2013), o discurso resulta da identidade de quem fala e daquele a quem se dirige, da intencionalidade e das condições da troca. E para a produção de sentido no discurso estão imbricadas as condições extradiscursivas e as realizações intradiscursivas. Para além disso, no que se refere aos *media* impressos, é importante considerarmos toda a máquina midiática na qual está inserida a produção de sentido que, para Charaudeau, constitui-se numa *mecânica de construção de sentido*. Que “se constrói ao término de um duplo processo de semiotização: de *transformação* e de *transação*”(CHARAUDEAU, 2013, p. 41).

Na visão de Charaudeau (2013) sobre essa questão, conclui-se que nenhuma informação é neutra, transparente e livre de ideologias, pois depende, dentre outras questões, da intenção de quem escreve, de quem



vai receber a informação, do tratamento dado, segundo os tipos de normas psicológicas, sociais e ideológicas.

Também deve ser levado em consideração, segundo o autor: Por que informar? Quem informa? Quais as provas? A posição do sujeito também é de suma importância, pois ao olhar o mundo, suas opções pelas categorias de conhecimento e/ou de crença podem mudar a construção da informação (CHARAUDEAU, 2013). O autor destaca que a questão implícita, tanto para os saberes de conhecimento como para os saberes de crença, diz respeito à percepção-construção que o ser humano mantém com o real, ou seja, as representações. No caso das notícias e reportagens do DP, estas serão interpretadas de forma diferente ao serem lidas por um fazendeiro e por um sem-terra.

Por conseguinte, para Silva, o conceito de representação tem uma longa história. Segundo o autor, as teorias ligadas aos Estudos Culturais recuperaram esse conceito do pós-estruturalismo e o desenvolveram em conexão com uma teorização sobre identidade e diferença. Nesse contexto, a representação é concebida como um sistema de significação, indeterminado e estreitamente ligado a relações de poder, concebido em sua dimensão de significante, como sistema de signos, expresso por diversos meios (SILVA, 2014). Dentro dessa perspectiva, por muitos anos, a representação dos sem-terrano textos da mídia foi concebida pelo que os poderosos pensavam e expressavam.

Nos Estudos Culturais, especificamente nos trabalhos de Stuart Hall, há argumentos de que a identidade está profundamente envolvida no processo de representação e que as mudanças de espaço-tempo ocorridas nos sistemas de representação impactam profundamente a forma como



essas identidades são localizadas e representadas (HALL, 2014). Podemos observar essas mudanças nas representações discursivas das mulheres sem-terra em diferentes épocas e contextos destacados pelo DP.

Woodward compreende a representação como um processo cultural.

[...] A representação, compreendida como um processo cultural, estabelece identidades individuais e coletivas e os sistemas simbólicos nos quais ela se baseia fornecem possíveis respostas às questões: Quem eu sou? O que eu poderia ser? Quem eu quero ser? Os discursos e os sistemas de representação constroem os lugares a partir dos quais os indivíduos podem se posicionar e a partir dos quais podem falar [...] (WOODWARD, 2014, p.18).

Exemplificamos o posicionamento acima com as notícias de nosso *corpus*, de onde o jornal *Diário do Pará* constrói identidades sociais de acordo com o “seu ponto de vista”, sua perspectiva, e abre pouco espaço para que os sem-terra “possam falar”, a partir de suas realidades, isso é, expor suas opiniões e convicções a partir do lugar que ocupam na sociedade. Esses momentos particulares, segundo Woodward (2014), podem construir novas identidades, e a mídia tem um enorme poder para isso, pois nos fornecem discursos e imagens com os quais podemos nos identificar.

Destarte, podemos observar que as identidades adquirem sentido por meio da linguagem, dos discursos, dos sistemas simbólicos pelos quais elas são representadas. Nesse sentido, é perceptível o papel de destaque exercido pela mídia na modernidade, bem como seu impacto e seus efeitos, não só no que se refere à construção de identidades, mas no desenvolvimento social como um todo. Portanto, concordamos com Giddens (2002), quando nos diz que:



A modernidade é inseparável de sua “própria” mídia: os textos impressos e, em seguida, o sinal eletrônico. O desenvolvimento e expansão das instituições modernas estão diretamente envolvidos com o imenso aumento na mediação da experiência que essas formas de comunicação propiciaram. Quando os livros eram feitos à mão, a leitura era sequencial: o livro tinha que passar de pessoa para pessoa. Os livros e textos das civilizações pré-modernas estavam substancialmente atrelados à transmissão da tradição, e eram quase sempre de caráter essencialmente “clássico”. Materiais impressos atravessam o espaço tão facilmente quanto o tempo porque podem ser distribuídos para muitos leitores mais ou menos simultaneamente (GIDDENS, 2002, p. 29).

De fato, a mídia revolucionou a história da humanidade. E os jornais impressos, especificamente, constituíram-se num avanço significativo para a sociedade.

A ESCOLHA DO JORNAL E OS CAMINHOS DA PESQUISA

O *Diário do Pará*, fundado em 1982, é um jornal já estabilizado no mercado paraense, com 38 anos de existência. O DP tem um peso político muito forte no Estado do Pará. Portanto, escolhemos este jornal pela sua popularidade e representatividade no cenário paraense; pela linguagem exposta em suas páginas ser mais próxima ao registro de língua menos formal, o que de certa forma funciona como uma estratégia para aproximar o jornal das classes menos favorecidas; pelo preço do exemplar, o que possibilita mais facilmente sua aquisição; pelo número expressivo de leitores; e pela relevância dada pelas suas reportagens à coletânea sobre as mulheres que lutam pela terra que estão *marcadas para morrer* (2013). Esta coletânea foi decisiva para nossa escolha. Isso posto, esclarecemos que nossa pesquisa está em consonância com os



princípios epistemológicos decorrentes de uma pesquisa documental de abordagem qualitativa.

Entretanto, como mencionamos na introdução, este artigo é um recorte de uma pesquisa mais ampla sobre Discurso, Mídia e Identidade, no jornal *Diário do Pará*, entre os anos de 1996 a 2013. Escolhemos os referidos períodos pelos acontecimentos marcantes que ocorreram na história de “luta” pela posse da terra no Estado do Pará/Brasil, a saber:

1. No ano de 1996, ocorreu a Chacina de Eldorado dos Carajás (19 trabalhadores rurais sem-terra foram mortos pela Polícia Militar do Estado do Pará).
2. No ano de 2005 (fevereiro), a missionária Dorothy Stang foi assassinada em Anapu/Pará. Esse fato está diretamente ligado aos conflitos agrários daquela região, e recebeu ampla divulgação pela mídia.
3. Escolhemos o ano de 2013 em virtude da movimentação política que o país vivia e por constituir-se num ano pré-eleitoral, no qual a temática agrária estava em destaque na mídia, e, ainda, em virtude da publicação de reportagens pelo DP sobre as mulheres ameaçadas de morte (“Marcadas para morrer”).

Devido à extensão do trabalho destacamos para análise neste artigo apenas algumas notícias e reportagens dos referidos períodos.

ANÁLISE

Embora a nossa análise não se pautar pela caracterização das filiações históricas e políticas do jornal *Diário do Pará* *per se*, interessa-nos salientar a perspectiva ideológica a partir da qual os temas em análise no nosso estudo são construídos.



Nas notícias e reportagens de nosso *corpus* pesquisamos como a identidade das mulheres sem-terra são representadas em períodos históricos diferentes no jornal *Diário do Pará*, sendo essa representação também ideológica, diretamente dependente do contexto sócio-histórico desses textos e dos gêneros. Dessa forma, o conceito de ideologia proposto por John Thompson servirá de base para a análise do nosso *corpus*. O autor propôs “conceitualizar ideologia em termos das maneiras como o sentido, mobilizado pelas formas simbólicas, serve para *estabelecer e sustentar* relações de dominação [...]” (THOMPSON, 2011, p. 79).

Assim, nossa investigação decorre do fato de que os gêneros notícia e reportagem no DP transportam ideologias que podem servir para *estabelecer e sustentar as relações de dominação*, das quais nos fala Thompson, o que de certa forma contribui para a construção de identidades sociais. Thompson distinguiu cinco modos gerais por meio dos quais a ideologia pode operar: “legitimação”, “dissimulação”, “unificação”, “fragmentação” e “reificação” (THOMPSON, 2011, p. 80). Segundo o próprio autor, esses modos de operação da ideologia não representam a totalidade das formas de manifestação desse fenômeno em contextos sociais. São, todavia, as formas mais representativas dessa manifestação. Para além disso, esses modos podem sobrepor-se e reforçar-se mutuamente.

Portanto, ao analisarmos algumas notícias de 1996, observamos que a representação das mulheres sem-terra no DP nesse período era quase inexistente, passiva e sem destaque. Historicamente, o MST do Estado do Pará era liderado por homens. O DP destacava a autoridade masculina e apagava a feminina no que se referia ao tema dos conflitos agrários.



Na notícia abaixo evidencia-se o que mencionamos anteriormente:

1. A mulher representada na notícia em nenhum momento recebe a denominação de sem-terra, o trabalhador sem-terra é o marido;

2. A mulher surge como esposa; e a partir da morte do marido, como viúva.



Fonte: Jornal Diário do Pará 26/04/1996, caderno Polícia B-8

Na notícia seguinte, também de 1996, o jornal – produtor da notícia – nos mostra uma fotografia que retrata em destaque uma mulher que segura seu filho no colo, olhando atentamente às covas onde serão enterrados os sem-terra. A fotografia nos mostra a presença de uma mulher e uma criança frente a um número significativo de homens. Essa fotografia carrega um subjetivismo muito forte, podemos imaginar essa mulher viúva de um dos sem-terra assassinados, dentre outras possibilidades. Mas, dificilmente, pelas características apresentadas, podemos imaginá-la como uma liderança dentro do MST. A mulher está de costas, sendo, portanto, privada de uma identidade específica.

A fotografia expõe, em seu subjetivismo, a figura da mulher como mãe, como companheira, e/ou como viúva, como vítima, [paciente] e não [agente] dos acontecimentos.

Fotografia 02 –Enterro dos sem-terra mortos na
Chacina de Eldorado




Fonte: Fotografia de Fernando Nobre publicada no DP, em
21/04/1996 no Caderno Polícia B-8.

Observamos também em excertos de algumas notícias do DP que as mulheres e crianças (do MST) são excluídas do grupo dos sem-terra no discurso. Quando o jornal *Diário do Pará* refere-se a mulheres e crianças não usa o termo sem-terra:

Ex. 04– [...] *Os saques são realizados depois que os caminhões param em virtude de os sem-terra terem colocado os restos de out-doors no meio da estrada e obrigarem mulheres e crianças a permanecer no leito da estrada.*⁶

Dessa forma, percebe-se que o DP sustenta a dominação do movimento por parte dos homens. A identidade dessas mulheres nesse momento histórico particular era representada por uma identidade fixa,

⁶ Fonte do excerto: DP, notícia publicada em 11/04/1996, no Caderno Cidades B-8, intitulada: “Sem-terra saqueiam em Curionópolis.”



imutável, que o DP mostra em momentos convenientes. A utilização dessas imagens pelo jornal, no episódio da chacina, pode ter sido um dos fatores que provocou a vitimização do MST e proporcionou a adesão dos leitores ao ponto de vista deste movimento naquele momento histórico, tendo, por isso, sido relevante para a construção da identidade social dessas mulheres.

Nesse sentido, verificamos que, quando é do interesse do DP, há uma predileção por eleger a mulher: mãe, companheira, dona de casa. Essas “mulheres ideais”, ao fazerem parte de um movimento que supostamente teria uma longa tradição de malfeitores, baderneiros e invasores, passam a ter diferentes representações identitárias no DP. O interesse do jornal naquele contexto, além de informar, era também político e ideológico, voltado para a vitimização social dos sem-terra.

Dessa forma, o principal caminho para a vitimização, além da exposição dos cadáveres, era a vitimização de mulheres e crianças. Torná-las “normais” talvez fosse o objetivo do jornal naquele momento. Tal como adverte Silva: “A identidade normal é “natural”, desejável, única. A força da identidade normal é tal que ela nem sequer é vista como *uma* identidade, mas simplesmente como *a* identidade” (SILVA, 2004, p. 83).

Posteriormente, numa fase inicial de 2005, a identidade da mulher (sem-terra) representada nas páginas do DP não passou por muitas modificações, embora saibamos que as mulheres já tinham uma forte atuação dentro do MST naquele período. A sua representação no jornal continuava a ser de mãe, companheira, filha, e dona de casa. A representação das mulheres na notícia abaixo evidencia essa afirmação.

Fotografia 03 – Sem-terra invadem fazenda



Fonte: Jornal Diário do Pará, publicada em 11/02/2005,
Caderno Regional A-10.

A fotografia da notícia acima tem um sentido muito aproximado ao da fotografia que destacamos anteriormente, datada do ano de 1996. A mulher também é retratada como mãe. Todavia, um fato ocorrido no decurso do ano de 2005 viria a mudar drasticamente a “imagem” dessas mulheres no DP. Em fevereiro de 2005, foi assassinada, no Estado do Pará-Brasil, a missionária Dorothy Stang, o que provocou, entre outras questões, a transformação das mulheres sem-terra nas páginas do DP. Este fato ocorreu porque a missionária Dorothy Stang passava representar todos os que lutavam pela posse de terra no Estado do Pará; e sendo mulher, branca, norte-americana, religiosa, idosa e conhecida nacional e internacionalmente, o impacto social do seu assassinato foi muito forte, tendo a mídia explorado bastante esse fato.

Essa afirmação traduz-se no grande número de notícias referentes ao assassinato da missionária e aos conflitos agrários nas páginas do DP e dos jornais locais na época. Nesse período, a discussão sobre a reforma agrária intensificou-se no Pará e, conseqüentemente, a grilagem⁷ de terras, prática comum no Estado do Pará, começou a ser exposta e discutida na mídia de massa, além da própria violência e do poder econômico de latifundiários da Amazônia paraense, temas antes esquecidos.

A representação da missionária Dorothy Stang realizada pelos jornais comoveu o país e pôs em evidência os conflitos agrários na Amazônia paraense. Observamos que na notícia “Irmã Dorothy é assassinada”⁸, Dorothy é representada como: *a religiosa norte-americana; a missionária; a cidadã do Pará; a amiga da ministra do meio ambiente Marina Silva; a coordenadora do Projeto Esperança; elogiada pessoalmente pelo Papa João Paulo II.* A relação entre o seu trabalho e a luta pela posse de terras também é objeto de destaque:

*Ex. 05– [...] vinha sofrendo constantes ameaças de morte pelo seu trabalho de reconhecimento internacional, pelo direito à terra e em favor de centenas de famílias que vivem em situação de miséria naquela região.*⁹

A fotografia abaixo mostra a Irmã Dorothy após ser assassinada, uma imagem que comoveu o mundo:

⁷ Nesse contexto, grilagem de terras refere-se à tomada de terras públicas com documentos falsificados.

⁸ Notícia publicada em 13/02/2005 no DP no caderno Cidades A-10.

⁹ Fonte: excerto da notícia intitulada: “Irmã Dorothy é assassinada”, publicada em 13/02/2005, no DP no Caderno Cidades A-10.


Fotografia 04 – Irmã Dorothy assassinada



Fonte: JornalDiário do Pará, publicada em 15/02/2005, no Caderno Cidades A-6

Por meio de estratégias de construção simbólica nas notícias do DP, a mulher sem-terra, antes ligada à representação da mulher como mãe, esposa, filha, viúva e outras representações ligadas à casa, à família, sofre profunda modificação, em razão de a própria representação simbólica de Dorothy Stang ligar-se diretamente, a partir do seu assassinato, à representação dos sem-terra. Assim, os ideais de preservação da floresta, a insistência da missionária em pressionar o governo pela reforma agrária e o projeto de desenvolvimento sustentável de Dorothy fundem-se com os ideais do MST, naquele momento e naquele contexto.

Seguindo a padronização da missionária Dorothy Stang, todas as outras lideranças ligadas a conflitos agrários passaram a correr risco de morte. Com efeito, a partir da morte da missionária, as lideranças sindicais e de movimentos sociais passaram a ser representadas como vítimas, e os conflitos agrários, a ser expostos nas páginas do DP, mas como uma luta mais “justa”, da qual fazem parte homens e mulheres. O jornal passa também a mostrar o que está encoberto nessa guerra, antes esquecido.



Assim, a posse ilegal de terras da União por fazendeiros e latifundiários da região começa a ser destaque nas notícias. Dorothy Stang torna-se um símbolo dessa luta, fato que não ocorreu de maneira aleatória, mas, antes, como manobra estratégica de alguns grupos políticos naquele contexto.

Esse é um *modus operandi* da ideologia, descrito por Thompson (2011) como “simbolização da unidade”. Esta simbolização é usada naquele contexto para elevar Dorothy Stang ao estatuto de consenso, de unidade, de representação simbólica do MST. Com efeito, tornar a missionária um símbolo do MST era naquele momento interessante, não só para o Movimento, como também para alguns partidos políticos que almejavam vencer as eleições no Estado do Pará.

Dessa forma, o DP soube tirar o proveito necessário desse fato, expondo em suas páginas discursos de um MST vítima de injustiças sociais, e ainda de representações do Governo do Estado do Pará, da polícia, dos fazendeiros e dos latifundiários, como opressores, negligentes etc., tornando-os assim “inimigos sociais”.

Outro modo de funcionamento dessas relações de dominação, segundo Thompson (2011), pode dar-se por meio da “padronização”, uma estratégia típica da ideologia, pela qual a unificação é expressa em formas simbólicas. “Formas simbólicas são adaptadas a um referencial padrão, que é proposto como um fundamento partilhado e aceitável de troca simbólica” (THOMPSON, 2011, p. 86). Essa estratégia posta em prática por um jornal de grande circulação pode servir, dentre outras funções, para colaborar na construção de identidades sociais.

Verificamos que, para além da simbolização, também a unificação é outra estratégia muito usada no DP para estender e generalizar um dado fenômeno parcelar a grupos sociais e políticos mais vastos. Observamos, com efeito,



que, naquele período, a representação de Dorothy Stang unificou todos os que eram ameaçados de morte por conflitos agrários. Essa unificação serviu tanto para criticar o poder político vigente à época quanto para denunciar a situação vivida por aquelas pessoas, naquele contexto.

Ex. 06 – Depois da morte da missionária Dorothy Mae Stang, o grupo de técnicos e membros da liderança do projeto de desenvolvimento sustentável (PDS) de Anapu está marcado para morrer [...]¹⁰.

Podemos, então, concluir que, em 2005, ocorreu uma unificação da imagem da missionária Dorothy Stanga de todos os outros líderes sindicais, sem-terra e demais líderes que lutavam pela reforma agrária no Estado do Pará, porque essa unificação era do interesse de muitos. Por meio dessa unificação, tendo em vista o trabalho de desenvolvimento sustentável realizado pela missionária, os sem-terra ganharam uma aceitação social mais alargada.

Por conseguinte, a preservação da Floresta Amazônica era um tema internacionalmente debatido e reconhecido como necessário. Por intermédio da unificação nos discursos do DP, os sem-terra, antes excluídos, foram transformados pelas notícias em trabalhadores rurais, que, de maneira sustentável, produziam alimentos. Numa outra vertente, a representação negativa de pistoleiros, fazendeiros e policiais serviram de sustentação para as críticas ao governo pela omissão, descaso, lentidão e violência no campo.

Assim, os movimentos sociais, a Igreja e demais segmentos da sociedade posicionaram-se contrariamente à política do Governo Estadual na época. Coincidência ou não, nas eleições de 2006, foi eleita uma mulher,

¹⁰ Fonte: excerto da notícia intitulada: “Lideranças do PDS de Anapu na lista negra”, publicada no DP, em 20/02/2005, no Caderno Cidades A-6.

do Partido dos Trabalhadores (PT), como Governadora do Estado do Pará. Esse feito foi isolado e não se repetiu. Ana Júlia Carepa foi a única mulher a assumir esse posto no Estado.

No ano de 2013, no mês de julho, o DP publicou no Especial *Marcadas para morrer* uma coletânea de reportagens em parceria com a Agência Pública¹¹, contendo as histórias de mulheres ameaçadas de morte por defenderem a terra e a floresta. Nessa coletânea as mulheres eram representadas em posições de destaque. O DP apresentava em suas páginas o que vinha delineando-se no contexto social, as mulheres destacando-se em diversos postos de trabalho, na política e em movimentos sociais.

Na primeira reportagem publicada pelo DP sobre essas mulheres, o jornalista chama a atenção dos leitores para os conflitos que envolvem a disputa de terras existentes no Pará. O autor da reportagem traz, de forma sintética, a história do início da ocupação de terras no Estado que funciona como justificção para outras histórias que serão narradas nas semanas seguintes. Essa estratégia é expressa por meio da narrativização.

O discurso do DP nessas reportagens funciona como preparação do leitor para “aceitar” o que está por vir, ou seja, ser um “cúmplice” das histórias das mulheres ameaçadas de morte. O discurso da primeira reportagem do DP sobre as mulheres *marcadas para morrer* estabelece uma justificção histórica para as ações que ocorrerão nos relatos: as invasões de terras, a produção em terras invadidas, as lutas sociais, dentre outras ações de associações e sindicatos. Esse discurso de justificção histórica é inédito no DP. De fato, não encontramos, nos períodos pesquisados, nenhuma “explicação” para

¹¹ Agência de Jornalismo investigativo *Pública*, Disponível em: <https://apublica.org/2013/07/marcadas-para-morrer/>. Acessado em: 26 de abril de 2014.



as origens dos conflitos agrários com fundamentos baseados na história da ocupação da Amazônia de forma tão explícita e convincente no referido jornal.

O DP mostrou, ainda, a opressão do mais fraco pelo mais forte naquele contexto e as enormes injustiças praticadas por quem exercia poder social e econômico. Nas notícias anteriores, o que havia era a legitimação pela narrativização, que destacavam “histórias, que contam o passado e tratam o presente como parte de uma tradição eterna e aceitável” (THOMPSON, 2011, p. 83).


Como exemplo, destacamos uma notícia publicada no DP, em 1996, cujo título destacava, exatamente, uma visão estática e durável da situação:

Fotografia 05–Luta pela terra é antiga



Fonte: Jornal O Diário do Pará, em 19/04/1996, Caderno Cidades A-8.

As reportagens trazem outra visão da história dos conflitos agrários e da representação das mulheres e revelam uma realidade que ainda não havia sido mostrada no DP. Em resumo, mostram *mulheres marcadas para morrer* na Amazônia paraense, a maioria delas, lideranças sindicais, coordenadoras de projetos, vítimas de injustiças. Estas mulheres também são representadas



como mães, esposas, viúvas que lutam não só pela posse da terra, mas também pela preservação do meio ambiente. São mulheres que, embora ameaçadas e com medo, travam uma luta diária pelo que consideram ser justo e correto.

Segundo o DP, todas estas mulheres estavam marcadas para morrer por conta dos conflitos agrários, ou por estarem ligadas de alguma forma a essa luta e, ainda, por defenderem ideais sociais, que incluem a preservação da floresta. Nesse sentido, o DP assumiu naquele contexto a responsabilidade de publicar essas histórias e revelar os motivos das invasões de terra, ajudando na legitimação deste movimento.

Por outro lado, é relevante dizer que estávamos num ano pré-eleitoral e que essa realidade poderia trazer benefícios a determinados políticos locais. De fato, não esqueçamos que nenhum texto noticioso é neutro, todos têm uma razão existencial, visando um objetivo que muitas vezes está disfarçado sob o manto do certo e do justo.

OUTROS MODOS DE OPERAÇÃO DA IDEOLOGIA NO DIÁRIO DO PARÁ

Outras formas de dominação também podem estar presentes em textos da mídia, sem que grande parte dos leitores consiga perceber, pois, na maioria das vezes, estão ocultas e desviam a atenção desses leitores, ou seja, são dissimuladas. Neste artigo exemplificamos o deslocamento que, como o próprio nome diz, desloca o sentido de um termo, que normalmente usamos para fazer referência, ou conceituar uma pessoa ou objeto, com o intuito de expressar uma carga positiva ou negativa dessa pessoa, ou coisa (THOMPSON, 2011). Esta é uma estratégia muito usada pelo jornal pesquisado, como podemos verificar pelos exemplos apresentados abaixo:



Ex. 07– Sem-terra saqueiam em Curionópolis

Observamos que na manchete da notícia: *Sem-terra saqueiam em Curionópolis* há um deslocamento de sentido proporcionado pela escolha do verbo *saquear*, o qual é normalmente usado para designar a ação de criminosos, fazendo com que sejam atribuídas aos sem-terra conotações negativas, que os associam, ou os equiparam a criminosos, a ladrões, e/ou a bandidos.

Outros deslocamentos são observados nesta mesma notícia por meio de várias escolhas lexicais marcadas que reforçam esta associação equiparando os sem-terra a marginais e bandidos.

Ex. 08– [...] os sem-terra estão **armados** de foice, facção e cassetete [...].

Em contrapartida, quando são mencionados os fazendeiros e outras autoridades, o léxico utilizado ativa conotações valorativas positivas que se associam a estas entidades:

Ex. 09– Há duas semanas, estive em Belém uma comitiva de **40 lideranças e proprietários rurais** para pedir [...].¹²

Vale destacar que esses deslocamentos que atribuem aos sem-terra conotações negativas referem-se a notícias publicadas em datas anteriores à chacina. Por outro lado, quando a chacina ocorre (constituindo-seem uma notícia de interesses político, histórico e social), o referido jornal muda o seu discurso:

Ex. 10– O conflito envolvendo policiais e **trabalhadores rurais do Pará** colocou em estado de alerta e prontidão os **líderes do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem-Terra (MST)** [...].¹³

¹² Os excertos 07, 08e 09 analisados acima foram retirados da notícia publicada no DP em 11/04/1996, no Caderno Cidades B-8, intitulada: “Sem-terra saqueiam em Curionópolis.”

¹³ O excerto do exemplo 10 analisado foi retirado da notícia publicada no DP, em 19/04/1996, no Caderno Cidades B-8, intitulada: “Sem-terra responsabiliza governo.”

Verificamos, assim, que a identidade dos protagonistas do conflito que ocupa o nosso estudo é ideologicamente construída pela mesma entidade, o DP, de forma diferente dependendo do contexto em que determinado acontecimento ocorre. Esta construção ideológica e sua respectiva legitimação, de acordo com Thompson, processa-se por meios linguísticos, tais como as escolhas lexicais para designar os atores envolvidos no conflito, bem como as suas ações.

O quinto *modus operandi* da ideologia descrita por Thompson diz respeito à reificação, que pode ser expressa por meio da naturalização e da nominalização/passivação: “A ideologia como reificação envolve, pois, a eliminação, ou a ofuscação, do caráter sócio-histórico dos fenômenos [...]” (THOMPSON, 2011, p. 88).

Dentro dessa perspectiva, nas notícias pesquisadas no jornal *Diário do Pará* destacamos como a ideologia foi expressa por meio de vários recursos gramaticais e sintáticos, tais como a nominalização.

Fotografia 06 – Execução¹⁴



Fonte: Jornal O Diário do Pará, 19/04/1996, Caderno Polícia-B-8

¹⁴ A notícia foi publicada no jornal *O Diário do Pará*, em 19/04/1996, no Caderno Polícia-B-8. As fotografias da notícia são de Fernando Nobre.




Observamos na notícia acima que as ações da chacina que resultaram na morte de 19 sem-terra foram transformadas no grupo nominal: *EXECUÇÃO SUMÁRIA*. A concentração de informações se deu por meio da nominalização “execução”, a qual focaliza o resultado do verbo “executar”, relegando para segundo plano (omitindo, até) o agente e o objeto do verbo bem como possíveis circunstâncias do evento.

Essa estratégia é ideologicamente marcada, na medida em que as várias informações postas de lado, em virtude do enfoque não só das mortes, mas da forma como estas ocorreram e a decorrente culpabilização dos policiais militares, priva os leitores de uma leitura isenta da informação. Verifica-se, nessa manchete, um apagamento intencional dos atores sociais envolvidos nos acontecimentos, o que justifica a nossa classificação como uma informação ideológica. Simultaneamente, a omissão de uma referência a um contexto espacial e temporal específico, que a nominalização acarreta, possibilita a construção ideológica do conteúdo informativo pela reificação, ou seja, pela “eliminação ou [...] ofuscação do caráter sócio-histórico dos fenômenos [...]” (THOMPSON, 2011, p. 88).

CONCLUSÕES

Levando em conta o fenômeno da ideologia e as diversas estratégias propostas por Thompson para a sua manifestação, percebemos que a representação de identidades sociais de mulheres sem-terra ocorreu de diversas maneiras em diferentes períodos históricos no discurso do jornal *Diário do Pará*, no período pesquisado. Levando em conta, também, que a mídia modela as identidades, além de contribuir para a sua construção, percebemos identidades estereotipadas e carregadas de ideologias.





Sendo assim, o discurso do DP utilizou estratégias para construir historicamente a identidade dos sem-terra como negativa, os excluindo assim da sociedade de “bem”, mostrando-os como pessoas que saqueiam, usam armas etc. Para tornar essas ideias legítimas, foram usadas estratégias típicas de construções simbólicas.

Assim, concluímos que, no ano de 1996, a ideologia do DP sustentou a dominação do MST por parte dos homens e que a identidade das mulheres nesse momento histórico ainda estava ligada aos valores da tradição, da família, do papel de esposa e mãe, ou seja, a uma identidade fixa, imutável, representada pouquíssimas vezes pelas páginas do jornal.

As mulheres sem-terra sempre fizeram parte do MST, no entanto não foram registradas como personagens principais desse movimento naquele momento histórico, mas apenas como coadjuvantes. Isso também decorre do próprio processo social do qual a mulher fazia parte na sociedade paraense, a qual era vista como ator social secundário, estando sempre numa posição inferior à do homem.

Construída historicamente de forma negativa e quase “invisível”, até o ano de 2005, a identidade da mulher sem-terra representada nas páginas do DP sofreu uma grande transformação, a qual ocorreu, em grande parte, pela simbolização que a Irmã Dorothy Stang representava naquele contexto. Em virtude de seu assassinato, a missionária passou a simbolizar os que lutavam pela reforma agrária e pelo desenvolvimento sustentável no Estado do Pará. Em razão da grande repercussão causada pela sua morte e pelo o que a missionária representava em vida, a luta pela terra passou a ser noticiada de maneira diferenciada e Dorothy Stang tornou-se um símbolo nesse contexto.



Com isso, as mulheres sem-terra começaram a assumir um papel de destaque no discurso do DP. Passaram a ser representadas como mulheres corajosas, que lutavam ao lado dos homens por ideais justos e universais. No ano de 2013, essas mulheres que lutavam pela posse da terra assumiram um destaque ainda maior nas páginas do DP, surgindo como vítimas de um sistema perverso, ao mesmo tempo em que também foram representadas como heroínas que ultrapassavam em muito o estatuto da mulher normal.

Observamos que estas transformações foram influenciadas pelo contexto socio-histórico e ideológico e pelo discurso do DP, que utilizou estratégias diversas em suas notícias e reportagens para informar seus leitores.

A representação da identidade dessas mulheres sofreu, assim, uma evolução muito clara nos discursos em análise, marcada pela passagem de uma quase não existência (ou de uma existência “menor”, em papéis subalternos, face à dominação do homem), para uma existência quase sobre-humana, de mártires que carregavam nos ombros o peso de toda uma classe de oprimidos e injustiçados, sujeitos a uma morte prematura pela causa que defendem.

REFERÊNCIAS

BAUMAN, Z. **Identidade: entrevista a Benedetto Vecchi**. Tradução: Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Zahar, 2005.

CASTELLS, M. **O poder da identidade**. Volume II. Editora: Paz e Terra, 1999.

CHARAUDEAU, P. **Discurso das Mídias**. 2. ed., 2ª reimpressão. São Paulo: Contexto, 2013.



FAIRCLOUGH, N. **Analysing Discourse textual analysis for social research** London: Routledge, 2003.

GIDDENS, A. **Modernidade e identidade**. Rio de Janeiro: Zahar Editora, 2002.

GREGOLIN, M. **Análise do discurso e mídia: a (re)produção de identidades**. Comunicação, mídia e consumo São Paulo vol.4 n.11 p.11-25 nov. 2007.

HALL, S. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: Lamparina, 2014.

MAINGUENEAU, D. **Análise de textos de comunicação**. 6ª edição ampliada. São Paulo: Cortez, 2013.

PINTO, A. G. “A Retórica do Eu e do Outro – The Othering: A gramática da identidade no discurso político”. In: AQUINO, Z. G. O; SEGUNDO, P. R. G. **Estudos do Discurso: Caminhos e Tendências**. São Paulo: Editora Paulistana, p. 25-53, 2016.

SILVA, T. T. “A produção social da identidade e da diferença”. In: SILVA, T. T. (org.); HALL, S.; WOODWARD, K. **Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais**. 15. ed. – Petrópolis, RJ: Vozes. Capítulo II, pags. 73-102, 2014.

THOMPSON, J. B. **A mídia e a modernidade. Uma teoria social da mídia**. 15 ed. – Petrópolis RJ: Vozes, 2014.

THOMPSON, J. B. **Ideologia e Cultura moderna. Teoria Social crítica na era dos meios de comunicação**. 9 ed. – Petrópolis RJ: Vozes, 2011.

WOODWARD, K. “Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual”. In: SILVA, T. T. (org.); HALL, S.; WOODWARD, K. **Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais**. 15. ed. – Petrópolis, RJ: Vozes. Capítulo I, pags. 07-72, 2014.